

Parte I

Considerações teórico-clínicas

Panorama do desenvolvimento psicossocial do adolescente

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um processo que ocorre durante o desenvolvimento evolutivo do indivíduo, caracterizado por uma revolução biopsicossocial.

O processo adolescente marca a transição do estado infantil para o estado adulto. As características psicológicas deste movimento evolutivo, sua expressividade e manifestações ao nível do comportamento e da adaptação social, são dependentes da cultura e da sociedade em que o processo se desenvolve.

Este processo, como é vivido na cultura ocidental, surgiu com a industrialização e o desenvolvimento da burguesia.

Ariès (1973), em seu livro sobre a *História Social da Criança e da Família*, no capítulo sobre “As idades da vida”, relata um estudo interessante. Mostra-nos que, na língua francesa, as palavras oriundas do latim *puer* e *adolescens* eram empregadas indiferentemente. A expressão fundamental que se conhecia era *enfant* (crianças).

Somente em meados do século XVI passou-se a diferenciar *enfance*, *jeunesse* e *vieillesse* (infância, juventude e velhice). A expressão juventude abrangia uma idade mais tardia e significava “força da idade”. Não havia, portanto, lugar para a adolescência.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* diz que adolescente é aquele que: “está no começo, que ainda não atingiu todo o vigor”; portanto, aquele que antecede à juventude.

Em cada época, a sociedade tem privilegiado mais uma idade do que outra. Assim, a juventude teria sido valorizada no século XVII, e “o primeiro adolescente moderno típico teria sido o Siegfried, de Wagner”. A música de Siegfried exprimia, pela primeira vez, a mistura de pureza, força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver, a qual faria do adolescente o herói do nosso século XX. Tais seriam as variações conceituais expressando as transformações que ocorrem na compreensão das sociedades, com suas culturas no decorrer do tempo e na dependência de questões demográficas, como afirma Ariès.

A sociedade tende a se organizar em torno de regras, leis, costumes e tradições que, por meio da cultura, se perpetuam como valores grupais comumente aceitos por seus integrantes. Neste sentido, as sociedades estabelecem os elementos que definem os *status* infantil e adulto, bem como a modalidade de resolução desta transição.

Entende-se aqui por modalidade o conjunto de critérios socialmente em vigor que marca a progressão do jovem para o *status* adulto. A escolaridade, por exemplo, pode ser utilizada como um dos critérios presentes em nossa cultura, e caracteriza uma diversidade de *status* dentro da sociedade.

Durante os séculos XVII e XVIII, crianças de 10 e jovens de 25 anos freqüentavam a mesma classe escolar. Não havia discriminação programática e de atividades em relação ao momento do desenvolvimento. As crianças e os adolescentes eram expostos, explicitamente, a situações de violência e sexo. Não se imaginava que elas fossem indiferentes a estas situações, mas também não havia preocupação em relação às repercussões sobre o seu desenvolvimento. Muitos, talvez, acreditassem que a criança, pelo menos até os 12 anos, fosse alheia e indiferente a estas situações.

O conhecimento humano evoluiu em relação ao desenvolvimento biopsicossocial, mas a essência do seu comportamento persiste, graças às características pulsionais inerentes à espécie. Freud e seus seguidores identificaram, sistematizaram e deram forma científica àquilo com o que a mitologia, os poetas, desde a Antiguidade, e as religiões primitivas tentavam lidar: as condições da alma humana.

A agressividade humana, perceptível nas guerras, na violência urbana ou no âmbito familiar e pessoal, assim como as manifestações amorosas sofrem as influências da cultura vigente e as influenciam, num processo dinâmico e constante.

As transformações da cultura, por sua vez, podem ser observadas, na atualidade, por exemplo, na vulgarização do privativo ou na perda de referências na relação entre o individual e o coletivo. O comportamento sexual e sua liberalização, assim como a violência inescotável e embutida na alma, fazem com que, em certo sentido, o homem contemporâneo não difira, em sua essência pulsional, de seus ancestrais mais primitivos.

A vida coletiva, em sociedade, acrescida dos processos de corticalização com sua capacidade simbólica, faz com que haja mudanças nas formas de expressão da vida pulsional. Esta, por sua vez, se transforma, pela cultura, em elementos da vida afetivo-emocional e do conhecimento humano que interferem na cultura, mobilizada pelas pulsões. Em “O Mal-Estar na Cultura” e “Totem e Tabu”, Freud (1930, 1912-3) retrata brilhantemente esta situação.

A puberdade, portanto, é um processo decorrente das transformações biológicas, enquanto a adolescência é fundamentalmente psicossocial. Ela é desencadeada, impelida e concomitante às alterações biológicas que intervêm na maturação das manifestações pulsionais e são inerentes a este período. Vale lembrar que as velocidades de maturação de cada setor (biológico, psicológico e social), e das partes que os compõem, são distintas e interatuantes, dando o colorido típico que caracteriza o adolescente de nossa sociedade.

Apesar de o processo da adolescência depender de fatores extrínsecos e regionais, há aspectos que podem ser considerados universais.

Das civilizações primitivas até as consideradas modernas e progressistas, todas elas dão um significado social por ocasião da aquisição da capacidade reprodutora, evidenciada pelo início da ejaculação e pela menarca, centralizada no tabu do incesto e no significado da representação totêmica. Condições que determinam a busca, fora da família, de um novo objeto de amor.

Na sociedade contemporânea, o jovem é acrescido de mais uma função para poder alcançar a condição adulta e ser reconhecido pela sociedade como tal. Ele deve possuir condições para se encarregar de

seu próprio destino, qualidade esta tão difícil de ser atingida em nossos dias, devido às conjunturas sociopolítico-econômicas que as sociedades contemporâneas estão atravessando.

A sociedade, com sua cultura e tradições, estabelece pré-requisitos e critérios que o jovem deverá suplantar para atingir o *status* adulto. O índio púbere, tendo adquirido a função reprodutora e estando apto à caça ou à guerra, estava apto para o exercício das funções e capacitado para integrar a comunidade adulta.

Hoje, em nossa sociedade, as condições necessárias para a ascensão à vida adulta envolvem aspectos que ampliam as dificuldades e complexidades, tornando esta fase de transição mais prolongada e aparentemente mais penosa.

O jovem tem de se confrontar com aspectos sociais, políticos, filosóficos, religiosos, econômicos e profissionais, sem considerar aqui todo o processo afetivo subjacente.

A velocidade e a intensidade de penetração com que os meios de comunicação atingem as culturas têm sido nos últimos tempos tão intensas que suplantam a possibilidade de assimilação e distorcem culturas tradicionalmente estáveis. Esta plêiade de valores torna ainda mais complexo este período fundamental para a organização da personalidade do indivíduo.

Certas sociedades desenvolvem “rituais de passagem”, os quais facilitam o processo de integração à comunidade adulta.

Na tradição cristã, a primeira comunhão representa um momento de consagração, que coincide com um período de aparente inocência e pudor.

Na tradição judaica, celebram-se o *Bar Mitzvah* e o *Bat Mitzvah*, ritos puberais que marcam a passagem de meninos e meninas, respectivamente aos 13 e 12 anos de idade, indicando que a infância está chegando ao fim.

O *Bat Mitzvah* já é o reflexo da interferência de novos valores sobre o ritual milenar. As comunidades judaicas progressistas e reformistas têm introduzido um ritual mais adequado às condições da cultura contemporânea. As mulheres, nestas comunidades, equiparam-se ao status tradicionalmente ocupado pelo homem, ao terem conquistado o direito de subir ao púlpito e fazer a leitura da *Torah*, o livro sagrado. Estes ritos puberais marcam o acesso ao status adulto com suas obrigações e deveres.

No passado, em condições diferentes de vida, esta cerimônia religiosa, como a de outras culturas, tinha importante significado. Além do critério biológico, indicando o início da vida reprodutora, o jovem submetia-se a provas impostas pela comunidade, para poder ocupar o seu papel de adulto. Com o tempo, muitos desses ritos de iniciação adquiriram uma conotação espiritual e moral, constituindo-se num importante marco religioso-cultural. Representava submissão às leis que definiam a tradição e sua perpetuação.

No *Talmud*, conjunto de livros escritos por rabinos durante a Era Helenística da história judaica, há uma interpretação que faz referência aos 13 anos como sendo a idade apropriada para começar a cumprir os 613 mandamentos da Bíblia. Por outro lado, o sábio Eleazar teria dito: “até o décimo terceiro ano é dever do pai educar seu filho”, e complementa: “abençoado aquele que tirou de mim a responsabilidade por esse rapaz”. A conduta moral, a preservação dos ritos e costumes, bem como a devoção, passavam a ser de responsabilidade exclusiva do rapaz.

Nos dias atuais, esta cerimônia perdeu seu significado. Em muitos casos, ela é apenas uma prática formal e desprovida de real significado social e religioso. Para alguns, é apenas uma forma de retratação do status econômico alcançado por certas famílias. Mas, em sua essência, é um momento alegre e de dor, de aspiração e de temor. Não é fácil carregar os rolos da lei e assumir os compromissos que a tradição pretende.

Estes rituais marcam a ruptura pelos jovens de seus laços domésticos e consagram a passagem da vida circunscrita à família para a vida comunitária.

O conteúdo e a duração desses ritos variam de uma sociedade para outra, em virtude da natureza das atividades e obrigações que definem as prerrogativas da idade adulta de uma determinada cultura, conforme caracteriza Reymond-Rivier (1965).

Mesmo em sociedades cujo ritual de passagem se caracteriza por intenso sofrimento físico ou psíquico, os jovens demonstram desejos ardorosos de se submeterem a eles. Isto pelo significado que representam em termos de aptidão, dignidade, consideração e aceitação pela sociedade adulta. Tais rituais possibilitam-no exibir-se a si e aos demais parceiros e adultos, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de segurança, de auto-estima e de confiança. A resultante é a abreviação e a facilitação da resolução psicológica da crise juvenil.

Qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrio. Estas características são devidas tanto às mudanças fisiológicas que se realizam quanto às repercussões psicológicas de inserção do jovem na comunidade adulta.

Reymond-Rivier afirma que, em relação ao adolescente, o que difere um indivíduo de outro e uma cultura de outra é a amplitude e a intensidade da crise, sua forma de expressão e a solução que se lhe dá.

A sociedade ocidental moderna tornou mais complexa esta passagem para a vida adulta. O jovem se vê diante de tantas variáveis e possibilidades de opção. Por um lado lhe são oferecidas maiores perspectivas de vida, e por outro defronta-se com ampla gama de oportunidades para a realização de experiências. As conseqüências dessas transformações são a ampliação do tempo de duração do processo e uma complexidade maior na busca de sua identidade adulta.

Entre nós existe grande discrepância entre os processos de maturação biológica, psicológica e social. Não há um ritual definido de passagem. Mas é necessário galgar várias etapas, em diferentes setores da vida psicológica, social, comunitária, econômica, profissional, legal, religiosa, moral, e outros, para poder atingir, ou melhor, conquistar o status adulto.

Por exemplo, em nosso meio, possuir carro ou prestar vestibular, entre adolescentes da classe média, entre outras coisas, tem adquirido a característica de critério valorativo de passagem à vida adulta.

A dissociação entre o biológico e os diversos níveis de maturação psicossocial passa a ser importante fator de tensão entre os jovens. Fisicamente ele pode estar apto para exercer suas funções sexuais, mas encontra diante de si as forças da cultura, da sociedade e dos riscos que existem ante os desejos de plena liberação e desenvolvimento dessas funções.

Ou, dito de outra forma, não basta se liberar: torna-se necessário aprender a lidar com seu corpo, seus desejos, seus afetos e, principalmente, ter consciência das repercussões objetivas e subjetivas em sua vida. Frequentemente, o que ocorre em nossa cultura é se tomar consciência após os fatos estarem consumados. Daí a importância das campanhas de esclarecimento e da necessidade de educação preventiva.

Surgem questões relativas à possibilidade de gravidez, do uso indiscriminado de contraceptivos ou da prática do aborto, de contami-

nação por doenças venéreas e, atualmente, o fantasma da AIDS. Toda uma série de pressões e repercussões que recaem sobre sua vida emocional.

Tais níveis de envolvimento emocional e cognitivo requerem maturidade e disponibilidade para funcionar dentro do princípio de realidade individual e social. Elementos que, por sua vez, vão sendo adquiridos a partir de vivências que contêm níveis de contradições e conflitos que o adolescente necessita atravessar e aprender a enfrentar.

As contradições existentes entre a vida biológica e as imposições da cultura desencadeiam conflitos que serão tanto mais intensos quanto maiores tiverem sido os pontos de fixação e as características regressivas durante a infância.

Observa-se que adolescentes cuja infância tenha sido regida por uma severidade moral, por critérios perfeccionistas, ou que tiveram suas experiências sexuais infantis gravemente reprimidas, estarão mais vulneráveis a conflitos internos em suas relações com o meio que os cerca.

Há certa expectativa por parte da sociedade de que o jovem se porte como um adulto, sabendo-se que ele não o é.

Parece-me que a mesma sociedade que deve assimilá-lo e que necessita do jovem não está muito preocupada com o vir a ser da juventude. Também não o aceita como ele é. Caso contrário, haveria movimentos mais atuantes e constantes no sentido de maior integração do adolescente à sociedade da qual ele faz parte, e sobre a qual ele interfere, positiva e negativamente, como qualquer outro membro da sociedade constituída.

O jovem, em parte, é fruto dessa sociedade que o formou e que, agora, o repele ou lhe dá pouca guarida, ante suas necessidades afetivas e de valores. Seus “atos irresponsáveis” (dirigir sem habilitação, atos de vandalismo) não são nem mais nem menos perniciosos que aqueles modelos que lhe são apresentados diariamente por meio da violência da mídia, ou de mecanismos políticos repletos de corrupção.

A violência dos mais diferentes gêneros, em nossa sociedade, passa a ser o elemento de auto-afirmação entre certos grupos sociais.

A própria máquina de propaganda de nosso sistema incentiva atitudes desse tipo. Estimula-se a legalidade, enquanto o poder instituído corrompe. Prega-se contra a fome a partir da caridade, da solidariedade, elementos fundamentais para a convivência social, mas são escassas as oportunidades para aprender a pescar.

Até bem pouco tempo atrás, a educação sexual nas escolas públicas, no Brasil, era proibida. Muitas discussões ocorreram sobre a validade e os aspectos morais dessa iniciativa. Entretanto, o uso de propagandas na mídia, por meio de mensagens com supervalorização do aspecto erótico, visando ao grande consumo, vinha sendo veiculado sem maiores restrições. Estou assinalando não uma questão moralista, mas um aspecto paradoxal na veiculação dos códigos sociais, em virtude de interesses e poderes dominantes.

Com a propagação geométrica da AIDS, os conceitos éticos referentes ao sexo se transformaram. Hoje, torna-se imperiosa e inquestionável a necessidade de levar a educação sexual às famílias, às escolas, a qualquer lugar, precocemente.

Na atualidade, inúmeros fatores participam, como o poder econômico e os avanços tecnológicos, desse processo contínuo de transformações sociais.

Existe, portanto, na sociedade, uma fisiologia em constante mutação, com seus fatores constantes e controláveis, por um lado, e, por outro, com seus valores variáveis e imprevisíveis. É um processo que, em sua essência, não difere fundamentalmente daquilo que se passa na evolução psicossocial do indivíduo. A psicanálise, com as proposições e conceitos propostos a partir de Freud, nos ajuda a compreender, por meio de seus conceitos metapsicológicos, os aspectos estruturais, dinâmicos e econômicos que compõem o funcionamento mental.

Outra característica contraditória de nossa sociedade está no fato de que o jovem é considerado suficientemente adulto aos 16 anos para votar, e aos 18 responde legalmente pelos seus atos. Mas economicamente não o é, e dificilmente o será aos 21 anos. Condição que dificulta sua real emancipação.

Desejoso de construir seu próprio núcleo familiar, vê-se tolhido pela dependência econômica, pois ainda não concluiu seus estudos. Se trabalha, o que ganha não é suficiente para formar e sustentar uma nova família. Muitos se casam e vivem numa relação de dependência da família original, a qual, por sua vez, se sente com certos direitos, interferindo sobre a vida do jovem casal.

Aqueles adolescentes que têm a possibilidade de freqüentar uma escola, para depois alcançar uma faculdade, precisam definir aos 16 anos o que desejam ser no futuro. Definição imperiosa, imposta pelo sistema educacional vigente, que ocorre, justamente, no auge de sua crise de identidade.

A estrutura do segundo grau escolar e a universitária não estão suficientemente aparelhadas pessoal e tecnicamente para lidar com o tempo necessário e as vicissitudes do processo de maturação emocional dos jovens. São fatores imprescindíveis, a serem considerados, para uma adequada definição profissional.

Pode-se inferir que, quanto mais complexa for a sociedade, maiores serão os pré-requisitos necessários para que o jovem possa integrar a sociedade adulta. A consequência direta é o prolongamento do processo de transição.

Além dos fatores externos assinalados, outros participam na expressividade do processo de adolescência, como aspectos da personalidade do indivíduo, seu caráter, sua história biográfica, incluindo experiências traumáticas e prazerosas, que dão a configuração do quadro psicológico e comportamental.

Encontramos, em nossa sociedade, indivíduos que vivem o processo adolescente de forma extremamente curta, e outros que o protegem de maneira interminável.

Os primeiros, em decorrência de contingências basicamente socioeconômicas, vêm-se precocemente mergulhados na vida adulta sem que tenham tido o tempo suficiente para a elaboração e amadurecimento de seus conflitos maturacionais. Essa passagem rápida pela adolescência limita-os em suas possibilidades vivenciais, desvinculadas do peso de certa responsabilidade. Coloca-os prontamente em contato com a realidade, e isso pode, por um lado, restringir o campo das experiências intelectuais e afetivas, e, por outro, os coloca na condição de terem de se adaptar à realidade. Assim, o jovem se vê na necessidade de assumir prontamente um nível de autonomia e responsabilidade que lhe permite menos as condições para errar, fracassar, reformular, questionar, duvidar. A preocupação básica passa a ser a sobrevivência. É uma situação de certa desvantagem em relação às possibilidades de escolha e oportunidades ante outros jovens da mesma faixa etária e em outras condições socioculturais.

No outro extremo encontram-se os “adolescentes profissionais”. São indivíduos cronologicamente adultos, mas cujo processo adolescente se estende no tempo, mantendo-os num estado de dependência afetiva e econômica. O fator socioeconômico-cultural também está presente nesta situação. Podem ser jovens de famílias abastadas ou não. Alguns deles não se sentem gratificados em assumir suas responsabili-

dades pessoais e comunitárias. Não querem perder seus privilégios infantis e encontram respaldo na família, que se incumbirá de protegê-los, prolongando o estado de imaturidade.

Em nossa sociedade, os critérios que definem a inserção do indivíduo na sociedade adulta são: maturidade, independência, autodeterminação, responsabilidade e atividade sexual efetivamente adulta. Compreende-se este último aspecto como implicitamente ligado à possibilidade de procriação e a condições socioeconômicas para estabelecer uma família.

Como referi anteriormente, a velocidade e a difusão dos meios de comunicação vêm abalando os valores tradicionais das sociedades contemporâneas. Elas estão sendo invadidas por valores estranhos a elas, diluindo-as, descaracterizando-as, ocorrendo transformações na cultura original. Com freqüência, sem que se tenha o tempo necessário para sua assimilação. Basta observar o que se passa em nosso meio com relação aos valores relacionados à sexualidade (quanto à virgindade, à liberdade sexual, ao homossexualismo, à quebra do ideal de pureza e abstinência, à aparição de movimentos feministas), principalmente quando tais valores atingem populações provincianas, até então herméticas em seu sistema de valores.

Este conjunto de transformações contribui para aumentar os conflitos e a complexidade do processo de adolescência.

O adolescente está à procura de sua identidade adulta. Busca novos modelos de identificação, e as possibilidades de fazê-lo numa sociedade urbana, industrializada, são relativamente ilimitadas. São infindáveis as alternativas que existem diante de si, por meio de seus colegas de escola, dos grupos a que pertence, do seu professor, técnico de esportes, um artista, um ídolo político ou religioso.

Com relação à definição da identidade sexual, o Comitê sobre Adolescência do Grupo para Adiantamento da Psiquiatria (EUA) assim se expressa: “Na sociedade atual há uma tendência para papéis definidos pelo sexo tornarem-se ambíguos, e a criança em vias de desenvolvimento talvez careça de pistas claras, além das anatômicas, para estabelecer a diferenciação dos sexos...” e segue acrescentando: “...deixa o adolescente em luta com sua mais importante tarefa de identidade, a sexual, na ausência de papéis claramente definidos pelo sexo”.

Antigamente, o filho de artesão era artesão e a menina era criada para ser dona de casa e mãe de família. Hoje as coisas são diferen-

tes. A medicina moderna pesquisa a inoculação de óvulos de menina morta em mulheres desejosas de engravidar, e homens estão gestando bebês a partir de suas alças intestinais.

É a contradição entre a evolução do conhecimento *versus* a perda ou a necessidade de encontrar novos parâmetros. Ao escrever estas questões, provavelmente já estarei ultrapassado, e nem sei ao certo quais são minhas posições pessoais sobre elas.

O pensamento dialético é uma condição necessária e talvez seja o único meio que possibilite ao indivíduo a liberdade de opção. Em cada situação é possível identificar tanto os aspectos positivos quanto os negativos, os construtivos e os destrutivos, os desejos a serem satisfeitos ou a serem frustrados. É dentro dessa dinâmica de tomada de consciência e de reflexão que, no meu entender, o homem pode alcançar um sentimento de “liberdade individual, de livre arbítrio”.

Entretanto, diante da complexidade de problemas originados a partir dos progressos científicos ligados à área da fertilização, sinto-me como um adolescente, quando não como um bebê, pela total ignorância em relação ao assunto. Aquilo que é conveniente para uns, em nível pessoal, pode não ser para a sociedade e vice-versa. São coisas do pensamento moderno, recentes como preocupação na mente humana, resultado das evoluções inerentes à progressão do conhecimento humano, fruto da expressão de uma pulsão epistemofílica.

Os impulsos para uma vida sexual ativa estão presentes, independentemente da cultura. As possibilidades de experimentação, que favorecem a identidade sexual, são restringidas pelas expectativas da cultura e decorrem do conflito edípico, fruto da interdição do incesto. Os alicerces da cultura encontram-se na resolução do complexo de Édipo, por meio dos processos de identificação, de sublimação, e da organização do superego, com suas funções organizadoras e repressoras.

Espera-se que o jovem aprenda a controlar seus impulsos sexuais e agressivos num período em que ele se sente pouco habilitado para fazê-lo, levando-o a reprimi-los ou liberá-los. Não raro passam à ação, muitas vezes de forma impulsiva e inconseqüente, constituindo o *acting out*. Isto é, agem por descarga, não usando devidamente sua capacidade para pensar criativamente. O que se observa comumente é que uma vez satisfeito o desejo imediato, ocorrida a descarga, surgem o conflito interno e a dor, decorrentes de sentimentos de culpa e da possibilidade de uma reconstrução reparadora.

As características do processo adolescente variam dentro de uma mesma sociedade, considerando-se, como já foi assinalado, os aspectos socioeconômicos da classe à qual o indivíduo pertence.

Exemplifico com o trabalho de Harari e cols. (1974), que estudaram o desenvolvimento da identidade sexual em adolescentes mulheres oriundas de famílias marginalizadas da população da Grande Buenos Aires. Os autores verificaram que estas adolescentes desempenhavam, dentro da estrutura familiar, funções específicas e distintas daquelas exercidas por moças de mesma idade, mas de outra classe social. Evidenciaram que a primeira relação sexual, neste grupo, surge abruptamente e se dá geralmente no fim do período puberal.

Esta experiência corrobora dados nacionais (OPS/OMS, 1989, 90) em relação ao que ocorre com meninas pobres de 12 anos ou menos, que muitas vezes são estimuladas à prostituição pela própria família, como forma de sustento.

Os adolescentes dos grandes centros urbanos, dentro de uma cultura de classe média, têm-se apresentado como jovens instáveis, inseguros, rebeldes, com grande oscilação do comportamento e do humor. Vão da expansividade à retração social. Vivem períodos ou momentos de energia e coragem desmedidas, cheios de luta e ideais quixotescos, sonhos e aventuras, que podem ser prontamente convertidos em sentimentos de depressão, incertezas, passividade e desânimo.

Anna Freud e cols. (1972) chamam a atenção para três aspectos característicos de nossa sociedade que contribuem para o aumento de tensão entre os adolescentes:

a) em primeiro lugar, salientam que, justamente num período em que todas as energias do adolescente estão voltadas para a solução dos problemas trazidos por seu crescimento somático e sexual, dele se exige que produza academicamente, faça escolha de uma profissão e assuma crescentes responsabilidades sociais e financeiras;

b) a óbvia preponderância dos problemas sexuais na adolescência obscurece o papel concomitante da agressão. A autora lembra países onde as energias agressivas do adolescente são empregadas em atividades bélicas, socialmente aprovadas, e nos quais há uma incidência menor de problemas com adolescentes. Acrescenta que certos países altamente politizados canalizam essa energia dos jovens para movimentos ideológicos, em que a luta intelectual e democrática é edificante;

c) o importante não é considerar como o adolescente se comporta

em casa, na escola ou na sociedade, e sim que tipo de desenvolvimento é mais satisfatório para que ele atinja uma forma de vida adulta adequada.

O mundo adulto, enfim, não deixa de ser um mundo idealizado em suas normas e regras sociais. Tem-se de viver com suas contradições, o que contribui para incrementar os conflitos do adolescente, cujo processo, por si só, é rico em contradições.

Fala-se de amor e se faz a guerra, e, por meio da guerra, almeja-se a paz. Deseja-se liberdade, fala-se de confiança, mas usa-se da repressão, da violência e do suborno. Defende-se o sexo como expressão sublime do amor, e vende-se o corpo em anúncios de qualquer coisa que possa ser consumida. É neste mundo de contradições que o adolescente precisa aprender a viver, com as suas ansiedades e com as do próximo, esperançoso e desejoso de encontrar-se.

DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DO ADOLESCENTE

INTRODUÇÃO ÀS BASES PSICANALÍTICAS DA ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA

Pretendo neste item recordar, de forma sucinta, alguns elementos que compõem as bases do pensamento psicanalítico, à guisa de introdução aos temas que advirão, aos quais dou um tratamento eminentemente psicanalítico.

O equilíbrio da vida afetiva está na dependência da integração entre as necessidades instintivas (de natureza endógena, hereditária ou genética) e o meio ambiente. O organismo, com seus recursos, procura satisfazer suas necessidades internas em busca de um estado de equilíbrio vital.

O aparelho psíquico, segundo a escola psicanalítica desenvolvida a partir de Freud (1895, 1900), possui uma organização estrutural, dinâmica e econômica. A energia que o mobiliza tem origem nos impulsos instintivos e impele o organismo para a atividade, em busca de gratificação. A homeostase psíquica é alcançada por meio do equilíbrio pautado em dois princípios, do prazer e da realidade. Com a evolução neuropsíquica do indivíduo, a organização instintiva percorre etapas que se superpõem e se interatuam: oral, anal, fálica, genital e latência.

Os sistemas psíquicos funcionam em níveis inconsciente, pré-consciente e consciente, sendo que as ações expressas por idéias ou comportamentos sofrem as influências da vida inconsciente.

Do ponto de vista estrutural, o aparelho psíquico organiza-se em níveis funcionais representados pelo *id*, *ego* e *superego*. O *id* compreende as necessidades instintivas, sexuais e agressivas. O ego possui a função de integração das percepções do mundo interno e externo. Funciona como mediador e executor de uma ação, controlando os impulsos e adequando as respostas ante as necessidades e desejos. As capacidades do ego desenvolvem-se gradualmente, adquirindo eficiência funcional durante a vida evolutiva. O superego é constituído pelos aspectos éticos, morais e valorativos, caracterizando o sistema normativo e censor.

Cabe ao ego harmonizar este conjunto e adaptá-lo à realidade. Para se manter íntegro, o ego necessita excluir da consciência aqueles impulsos que sente não poder controlar e integrar. Para isso, utiliza-se de mecanismos de defesa, tal como a repressão, evitando a angústia proveniente de idéias carregadas de impulsos instintivos, vividos como perigosos, que tendem a chegar à consciência e expressar-se em ação.

O excesso de repressão compromete o ego, no sentido de que grande parte de sua energia estará voltada para esta função, prejudicando a integração das demais necessidades psíquicas. Outros mecanismos de defesa podem surgir, caso o ego esteja ameaçado por impulsos internos e diante de uma repressão insuficiente.

A resultante dessa organização dinâmica é o comportamento explícito manifestado pelo indivíduo, que pode ter um significado latente, motivado por fantasias e desejos inconscientes.

Quanto à organização da personalidade, esta vai se desenvolvendo progressivamente, na dependência de fatores constitucionais das forças pulsionais, das determinantes psíquicas, das influências do meio ambiente e da biografia (conjunto de experiências vivenciais), que ocorrem durante a evolução do indivíduo.

Por meio de um processo de trocas que se estabelece a partir das primeiras relações mãe — bebê, associadas à maturação neurobiológica, são criadas condições para o desenvolvimento do aparelho psíquico, da vida afetivo-emocional, simbólica, do pensamento e dos processos de identificação, cuja expressão definirá o perfil da identidade e da personalidade de cada indivíduo.

A adolescência é um marco fundamental na história do desenvolvimento vital. Há quem diga ser este período um segundo nascimento, no sentido de que “primeiro se nasce, e na adolescência começa-se a viver”.

Esta seria uma das conseqüências da evolução das espécies. O homem, diferentemente da maioria das espécies, adquire tardiamente a sua condição de maioridade quando comparado com outros animais da escala evolutiva.

É óbvio que a psicologia do desenvolvimento não termina na adolescência, mas é neste período que o indivíduo se redefine como pessoa. A adolescência é a busca de si mesmo, numa transição da identidade infantil para a identidade adulta. A resultante dessa busca exerce papel fundamental na formação e consolidação da estrutura básica da personalidade.

Nessa etapa da evolução psicosssexual, o jovem revive, consciente ou inconscientemente, situações do passado. Essa transição será vivida com maior ou menor dificuldade, sendo que as características da passagem pela adolescência dependerão de suas experiências infantis, das relações afetivas primárias, das características de sua iniciação na vida social, do modo de resolução das relações triangulares por ocasião do conflito edipiano, de suas angústias e temores, os quais nessa ocasião poderão ser, de alguma forma, revividos por ele.

A vida afetiva encontra-se em reformulação. O equilíbrio emocional é instável, oscilante, e o processo é inevitável. A compreensão racional e afetiva desses movimentos de transição contribui, tornando esse período menos doloroso e mais edificante para o adolescente.

A EVOLUÇÃO PSICOSSEXUAL

Por meio do estudo sobre a evolução social da criança e da família sabe-se que “a atitude diante da sexualidade, e sem dúvida a própria sexualidade, variam de acordo com o meio, e, por conseguinte, segundo as épocas e as mentalidades” (Ariès, 1973).

Por outro lado, a psicanálise tem mostrado que a evolução psicosssexual ocorre a partir de uma seqüência de etapas, até atingir a sexualidade adulta.

Entende-se por sexualidade, segundo o Vocabulário de Psicanálise, “toda série de excitações e de atividades presentes desde a infância e que procuram prazer irredutível na satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental”, como ocorre com a fome, a respiração, a excreção e o amor. É uma ampla função, cuja finalidade é o prazer, e, num outro plano, a procriação.

O recém-nascido apresenta intensa excitação ante o estímulo da fome, seguida de plena satisfação e relaxamento ao ter sua necessidade saciada.

Entre 2 e 3 anos de idade, a criança demonstra prazer em poder controlar partes de seu corpo, como os esfíncteres. Têm aqui início os primeiros passos para o desenvolvimento da capacidade de tomar decisões, de controlar sua vontade. Num processo concomitante, adquire a possibilidade de adequar seus impulsos agressivos e sexuais às condições de controle social impostas pelo meio. A criança interessa-se pelo próprio corpo, compara-se e descobre diferenças entre ela e seus pais e irmãos. Indaga aos pais sobre seu corpo; a menina quer saber se terá seios e pêlos como sua mãe, ou por que seu ‘pipi’ não é como o do papai. O menino sente-se orgulhoso de seu pênis, mas teme vir a perdê-lo. Nessa idade, a criança vive certa excitação e desejo em manter um contato mais vivo com os pais do sexo oposto.

Pouco a pouco, a criança se dá conta de que faz parte de uma relação a três, na qual ela é um dos vértices do triângulo, e seus pais representam os outros dois. O menino apresenta sentimentos de intenso amor pela mãe. Identifica-se com o pai, mas os desejos de ocupar seu lugar junto à mãe originam sentimentos de culpa e de temor, receando que seu pênis ou qualquer outra parte de seu corpo possa vir a ser danificada.

Nesse período, normalmente, a criança vive sentimentos ambivalentes, de amor e de ódio, quando fantasias eróticas de caráter proibitivo estão presentes, levando-a a angústia e sentimentos de culpa. Situação semelhante ocorre com as meninas, cujo homólogo da castração é o desejo de ter um pênis (inveja por não possuí-lo). Essa triangulação constitui a base do conflito edipiano. Trata-se de um período fundamental na estruturação da personalidade do indivíduo, sendo a base da organização da identidade sexual.

Muito da qualidade das relações interpessoais e heterossexuais da vida adulta dependerá das características do relacionamento estabelecido com os pais nesse período. Esses são os primeiros modelos de

relacionamento heterossexual. A resolução desse conflito se faz por identificação com o pai do mesmo sexo, sem que isso implique uma “cópia autenticada” do modelo apresentado, mas uma elaboração própria, a partir desse modelo considerado, temporariamente, como ideal. Esse processo permite à criança reconhecer-se e assumir-se perante seu sexo.

Na fase escolar, entre 7 e 10 anos, a sexualidade está em parte reprimida e deslocada para outros interesses: intelectuais, normativos e sociais.

A seguir, todo o organismo é invadido pela força das transformações biológicas e tomado por impulsos sexuais e agressivos, determinando o início da puberdade e do processo da adolescência.

Este último caracteriza-se pela reedição do conflito edípiano, que agora se lhe apresenta como muito mais perigoso. As possibilidades reais de atuação de desejos incestuosos são maiores, em virtude da sexualidade genital presente.

De início, sem bem saber o significado de sua sexualidade e de como dispor dela, pouco a pouco vai descobrindo os mistérios e os devaneios que essa situação atraente e angustiante lhe desperta. O corpo, a dinâmica psíquica, os interesses sofrem profundas alterações, dando novas conotações à personalidade do adolescente, que agora inicia a busca de sua própria identidade.

INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

Quando se observa uma criança entre 9 e 11 anos de idade, no período pré-pubertário, vê-se que, nessa fase, geralmente ela se mostra adaptada à família, à escola e ao grupo de amigos. A criança acompanha seus pais em muitas atividades, e compartilha de suas idéias e valores. Ela é relativamente organizada e cuidadosa com suas coisas. Mesmo tendo atividade intensa, aceita tranqüilamente a relação de dependência a seus pais.

À medida que as transformações biológicas vão ocorrendo, a personalidade da criança vai sofrendo alterações. É possível que nos primeiros tempos essas modificações não sejam perceptíveis no comportamento.

As modificações corporais, o aparecimento de pêlos pubianos e axilares, o aumento da força muscular, a distribuição da gordura, a

mudança da voz, o desenvolvimento dos seios ou do pênis e da bolsa escrotal, a menarca, as primeiras ejaculações, a poluição noturna e a masturbação são elementos que exteriorizam as mudanças internas com seus reflexos sobre a vida afetivo-emocional do(a) jovem.

Sugiro a leitura dos livros: *Adolescência* (Setian, 1979), do qual sou um dos colaboradores, e *Puberdade e adolescência* (Chipkevitch, 1995), àqueles que se interessarem por um estudo pormenorizado a respeito das mudanças corporais, estruturais e fisiológicas, principalmente em seus aspectos morfo e endocrinológicos.

O adolescente, ao ser tomado por esse turbilhão de transformações, passa a sentir-se estranho. Não consegue compreender o que está ocorrendo consigo. Impulsos sexuais e agressivos, até então desconhecidos, chegam à sua percepção. A observação de si mesmo, o contato corpóreo com um companheiro, mesmo um simples roçar, causam sensações novas, prazerosas mas temidas, tidas como proibidas. O sexo oposto agora desperta interesse. Antes simples companheiros de brincadeiras que, com o início da adolescência, transformaram-se em parceiros de um jogo pueril, mas erotizado. Surgem as piadinhas, os cochichos, os bilhetinhos, “as passadas de mão”, as fantasias e desejos dos primeiros flertes, das primeiras paqueras.

Rapazes e moças, apesar de certa timidez, vergonha e pudor diante de seu novo corpo, podem se orgulhar de sua força e do seu aspecto físico, ainda que de forma secreta.

Diante desses impulsos sexuais e agressivos, que tendem a extravasar-se em forma de ação, o jovem defende-se procurando negar a si mesmo as transformações que estão ocorrendo. Algumas meninas chegam a esconder o fato de estarem menstruando ou tentam disfarçar os seios que ora se desenvolvem, cobrindo-se com seus cadernos escolares, apesar de envaidecidas e orgulhosas de seu corpo de mulher. Contrasta-se nessa fase a coexistência da puerilidade com a sensualidade feminina.

Os meninos, ainda por algum tempo, permanecerão voltados para atividades de caráter agressivo, como lutas, ou se dedicarão a atividades esportivas. Um pouco mais tarde é que deixarão transparecer seus impulsos sexuais. Mas não deixam também de negá-los, principalmente quando relacionados à masturbação. Eles temem ser algo perigoso, que os leve a conseqüências desastrosas como a perda da virilidade ou doenças. Tais sentimentos, muitas vezes, são exacerbados por crenças populares.

Assim, o jovem, rapaz ou moça, vive o início de sua adolescência tomado por um estado de certa confusão e incoerência, entre o que lhe era conhecido e familiar, por ocasião da infância, e as transformações pelas quais está passando. Apesar de desejar atingir a vida adulta, impelido que é pela força maturativa, teme o desconhecido que existe dentro de si.

Progressivamente sentirá seu corpo amadurecer, o peso da cultura e da sociedade exercerá sobre ele a repressão da livre expressão e experimento da genitalidade adulta. No princípio, a sexualidade genital lhe parecerá desprezível e sem significado, até descobrir o outro sexo, a intensa excitação e prazer que ele lhe desperta.

EREÇÃO

A ereção peniana ocorre desde bebê e indica um estado de excitabilidade. As ereções espontâneas são mais freqüentes na primeira fase da adolescência. De natureza diversa, erótica ou não, representam motivo de angústia para o jovem. Perante a impossibilidade de controlar esses impulsos, ele sente-se constrangido e envergonhado quando, numa situação qualquer, por tensão sexual ou agressiva ou sem causa aparente, é surpreendido pela ereção, que torna público algo de sua privacidade.

Os garotos vivem na sua solidão, ou no encontro com colegas, jogos sexuais que estão voltados mais para a descoberta do próprio corpo, das sensações e prazeres que este lhes oferece. Têm nessas situações a noção da real dimensão de seu pênis, e isso reassegura sua virilidade e sua identidade anatômica. São comuns as competições em relação ao tamanho do pênis, a distância de alcance do fluxo urinário como expressão de poder e força.

A ereção clitoriana, menos evidente, pode até passar despercebida inicialmente pela menina. Com a atividade masturbatória é que essa percepção pode ocorrer. Ela percebe também que seus seios são erógenos, se enrijecem e lhe dão prazer ao excitá-los sensorialmente.

Entretanto, deve-se salientar a importância das fantasias, principalmente as inconscientes, assinaladas por Klein (1932) como a expressão psíquica dos impulsos, as quais possuem profunda ligação com a vida sexual do indivíduo. Essas fantasias têm

um caráter masturbatório no sentido de serem auto-eróticas, numa primeira fase, e posteriormente permitirem a aproximação do objeto do desejo amoroso.

EJACULAÇÃO

A ejaculação é outro momento de expectativa. O garoto espera ansioso por esse momento. Desde alguma pequena secreção até a ejaculação propriamente dita, atravessa cada fase de produção do líquido espermático, sua mudança de cor, de cheiro, de consistência, com o maior interesse. A ejaculação representa também um novo estímulo que o impele à definição sexual. Associada à ereção e à masturbação, dá a ele um novo sentimento de força e poder. A definição da sexualidade masculina e a aquisição da capacidade procriativa têm participação fundamental na organização da identidade e de toda a personalidade do jovem.

MENSTRUÇÃO

Com relação às moças, a menstruação exerce papel semelhante à ejaculação nos rapazes. As jovens aguardam ansiosamente pelo início desse fenômeno, a menarca. Entre os 11-12 anos, até mais cedo nas regiões de clima tropical, a menstruação introduz a jovem na sexualidade genital feminina, quase adulta. Ter filhos pode ser um desejo, o qual agora passa a ser uma condição real e, portanto, temida.

As moças que tiveram uma infância cuja feminilidade tenha sido desenvolvida sem grandes problemas em relação à sua identidade feminina e sua condição de mulher aceitarão a menstruação de forma tranqüila e desejável. Porém, a menstruação representa para muitas jovens algo perigoso, angustiante, desagradável e até mesmo sujo.

A terminologia popular denomina esse período “incômodo”, que não se limita a questões físicas. Muitas mulheres vivem o período pré-menstrual e menstrual, com seus equivalentes psíquicos, caracterizados por períodos de intensa agressividade expulsiva. As culturas são

ricas em mitos e tabus em relação à menstruação e à atividade masturbatória.

Muitas jovens envergonham-se de sua nova condição, mas não deixam de sentir um orgulho íntimo. Outras moças recebem que durante o período menstrual seu estado possa ser percebido pelos circundantes ou que elas estejam exalando algum odor, e alteram então a espontaneidade de suas atitudes. Não raras vezes o início do fenômeno menstrual se acompanha de depressão.

Muitas histórias e tabus populares são conhecidos em torno da menstruação. Eles ilustram o estado de angústia por que passam as jovens que carregam consigo um estigma educacional e cultural. Certos temores e cuidados que cercam o fenômeno menstrual estão relacionados a fantasias ligadas às impurezas do espírito. Talvez estejam relacionados, em suas origens bíblicas, a medos oriundos de fantasias masturbatórias ou à relação heterossexual. Esses medos podem evocar sentimentos infantis vividos como proibidos e relacionados ao coito, imaginado como algo violento e doloroso.

É importante salientar o aspecto educacional para auxiliar a(o) jovem a receber a menstruação (ejaculação, masturbação) e seu significado com naturalidade e orgulho pelo seu desenvolvimento.

A falta de orientação leva a estados de ansiedade, principalmente pela chegada inesperada, tardia, ou ante a irregularidade do ciclo menstrual. Os temores aumentam quando menstruação e prática masturbatória culposa se associam. Nestas circunstâncias, o fluxo menstrual, ou sua irregularidade, pode adquirir a função de punição.

Tenho observado que na atualidade rapazes e moças conversam entre si sobre suas novas funções com uma naturalidade que não era comum em minha adolescência.

MASTURBAÇÃO

Início este subitem transcrevendo um belíssimo trecho de *As Meninas*, de Lígia Fagundes Telles, que expressa com realismo uma vivência juvenil: “A segunda vez também foi na fazenda, enquanto tomava banho. Ainda por acaso. Entrei na banheira vazia, deitei-me no fundo e abri a torneira. O jorro quente caiu no meu peito com tamanha violência que escorreguei e ofereci a barriga. Da barriga já

pisoteada o jato passou para o ventre e quando abri as pernas e ele acertou em cheio, senti num susto a antiga exaltação artística, mais forte, embora dessa vez não tivesse o piano. Fechei os olhos quando Felipe cruzou e recruzou o meu corpo com sua moto vermelha, Felipe, o do blusão preto e moto. Escondi nas mãos a cara querendo fugir e ao mesmo tempo colada ao fundo da banheira com a água subindo destemperada, já me cobria inteira, as borbulhas rebentando no meu queixo, por que não abri o ralo? Saciada e insaciada ela (ou eu) pedia mais, a boca. Penetrou-me encachoeirada, tapou-me o nariz, pronto, vou morrer! pensei num salto. Fugi aos pulos. Era o amor? Era a morte? Uma coisa só, respondi num verso. Nesse tempo escrevia versos”. (L. F. Telles, 1973)

A masturbação é um fenômeno psicofisiológico que acompanha o indivíduo durante o seu desenvolvimento. As manifestações auto-eróticas do bebê são as primeiras atividades masturbatórias no sentido de alívio de tensão, e portanto têm função reguladora do equilíbrio psíquico. O bebê, ao sugar o dedo ou ao usar a chupeta, busca preencher um vazio e evocar um estado de satisfação, provocado pela ausência do objeto gratificante das pulsões instintuais.

É sabido que qualquer zona do corpo, inclusive a mente, pode ser erotizada e transformada em atividade auto-erótica gratificante. Os objetos de gratificação originam-se de vivências primitivas, como a evocação afetiva de relações a partir do contato com o corpo materno, até situações em que uma idéia, muitas vezes de caráter sádico, é investida, e em torno da qual se permanece ruminando. É a chamada “masturbação mental”.

Na adolescência, a masturbação tem uma função maturativa e de desenvolvimento de novas zonas erógenas, encaminhando o(a) jovem para o prazer genital. Ela possibilita a associação entre sensações, fantasias e a imagem mental do objeto, em meio às quais se imiscuem resíduos de fantasias primitivas, com suas elaborações e distorções. “O êxito maior da masturbação adolescente reside na elaboração do prazer prévio”, segundo Blos (1961).

Por meio da masturbação, o adolescente realiza jogos e faz correlações mentais integrando as representações mentais do objeto gratificante. Essa condição é de fundamental importância na elaboração do processo de identificação sexual, contribui para o desenvolvimento do ego quanto à identificação do objeto interno e externo, fa-

vorece o trabalho mental de antecipação, com vistas à posterior aproximação do objeto real.

A imaginação do adolescente está povoada de sonhos e desejos, alguns maravilhosos ou terríficos, conscientes ou inconscientes, que culminam numa eclosão orgástica repleta de sensações de prazer, mas também de temor, de angústia, de culpa, de sentimentos de inferioridade. Quando integrada ao desenvolvimento, o(a) adolescente caminha para a descoberta da genitalidade. Favorece o controle e a integração de novos impulsos. Ela contribui para a elaboração das novas relações interpessoais e heterossexuais que estão sendo experimentadas pelos jovens. A masturbação tem também a função de atividade preparatória às relações heterossexuais ativas. Aos impulsos sexuais muitas vezes misturam-se impulsos agressivos, de tal sorte que a masturbação pode estar destituída de um caráter afetivo amoroso, sendo via de descarga da agressividade. Há ocasiões nas quais a atividade masturbatória funciona como válvula de escape diante de situações conflitantes. Por exemplo, em casos de desavenças com os pais ou fracassos escolares, a masturbação pode se constituir numa busca de prazer imediato, compensatório às frustrações.

Ela pode ainda liberar impulsos perversos, homossexuais, sádicos ou masoquistas. A masturbação, nesta fase da vida, é portanto algo normal e necessário para o desenvolvimento da sexualidade genital e para a integração de novas emoções e sentimentos que emergem na personalidade, que ora amadurece.

Entretanto, a prática masturbatória compulsiva ou sua ausência podem expressar bloqueios do desenvolvimento.

Sua ausência ou excesso indicará algum desvio no desenvolvimento emocional do jovem. Sua fixação ou a masturbação compulsiva podem estar ligadas a conflitos na relação com a figura autoritária, como subversão a ela, desvios educacionais, situações depressivas ou de carência, como sentimentos de abandono.

Pode-se dizer que a masturbação na adolescência é composta por duas fases. Na primeira delas, o objeto é o próprio indivíduo que se envolve emocionalmente com seus genitais e revela o caráter narcísico da relação. Na segunda fase, a atividade masturbatória contém relações e fantasias com a imagem do outro.

A masturbação na adolescência desfruta intensamente do espaço transicional quando ele está satisfatoriamente constituído. Nesse es-

paço virtual, seguindo o conceito de Winnicott (1971), no qual o objeto transicional não é só real e concreto, como também não é só imaginário e fantasioso, o adolescente desenvolve uma atividade lúdica com seu corpo, com o objeto do imaginário, e suas fantasias gratificantes. É por meio dessas relações que o adolescente vive consigo mesmo e com os objetos de sua fantasia, a partir dos quais ele poderá fazer as integrações necessárias entre sensação, afeto e ação no nível do ego. De um lado, como aproximação do objeto amoroso real e concreto, e de outro por meio das sublimações que se fazem necessárias para a adaptação à realidade da vida civilizada.

A atividade masturbatória é acompanhada freqüentemente de angústias originárias tanto de resíduos de fantasias primitivas, sádicas, onipotentes e nirvânicas em relação às figuras parentais, como de fantasias em relação ao objeto real atual.

Os pais sentem-se muito perturbados pela atividade masturbatória dos filhos, visto que é desencadeadora de evocações de seus conflitos infantis não resolvidos. Representa também um ataque à autoridade e à lei parental, motivos que podem levar os pais a atitudes repressivas.

Por outro lado, a ausência total de repressão (entenda-se ausência de limites) pode conduzir o jovem a permanecer na ilusão de um estado nirvânico interminável, e conseqüentemente levá-lo a um estado de esterilidade mental. Portanto, a repressão passa a ser, em certa dose, um mecanismo necessário e essencial para a existência da cultura. É dentro dessa visão que a masturbação também sofre os efeitos da repressão. Muitos drogaditos buscam na relação com a droga a manutenção de um estado simbiótico ilusório, na preservação de uma relação idealizada com o seio materno. A masturbação pode, em certas circunstâncias, ocupar função similar, com conseqüente fixação ou compulsão a um estado masturbatório físico ou psíquico.

Nessas condições, a atividade masturbatória física ou psíquica se converte numa defesa à frustração. A frustração é uma condição inerente à realidade pela desilusão que a acompanha. Assim, o comportamento masturbatório pode ser, por exemplo, uma defesa à perda da bissexualidade infantil diante da heterossexualidade, ou defesa contra temores decorrentes de fantasias homossexuais.

Investimentos narcísicos intensos e prolongados são bloqueadores da ampliação do campo existencial. Eles dificultam o estabelecimento de relações cujo enriquecimento advém do intercâmbio de experiências afetivas.

A situação se agrava quando as manifestações auto-eróticas da infância foram reprimidas ou punidas de tal forma que agora se complicam com conflitos atuais. Os sentimentos de culpa não são decorrentes apenas das intervenções externas, como erros educacionais ou repressão parental. É algo inerente à vida interior, ligado ao narcisismo, ao ideal de ego, aos mecanismos de defesa do ego, à história pessoal, na qual se incluem os conflitos edipianos.

O adolescente, diante de sua atividade masturbatória, pode reviver, inconscientemente, na atualidade, resíduos de seus conflitos infantis decorrentes de questões educacionais, relacionais e conflituosas entre suas estruturas psíquicas, levando-o a sentimentos de culpa, auto-punição e de inferioridade. Segundo Blos (1969), “A masturbação assume traços patológicos sempre que consolida regressivamente fixações infantis”.

Muitos jovens interpretam a masturbação como algo sujo, pecaminoso, que os levará a doenças físicas ou à fraqueza mental. As meninas podem sentir-se indignas ou mesmo prostituídas pela prática ou desejo masturbatório. As características de como a jovem encara a masturbação dependem do sistema educacional recebido, dos vínculos estabelecidos com seus pais e dos conhecimentos que possui a respeito do desenvolvimento psicosssexual.

O conflito que se estabelece é decorrente da confrontação entre o superego, a sexualidade infantil e as necessidades atuais.

Tiba (1985), em seu livro *Puberdade e Adolescência*, enumera vários dos tabus e mitos existentes em torno da sexualidade adolescente:

- quanto à masturbação nos rapazes: provoca espinha, desenvolve o pênis, desenvolve o peito, acelera o crescimento dos pêlos, desencadeia a ejaculação precoce, prejudica o cérebro, dá fraqueza e olheiras, faz crescer pêlos nas mãos; nas garotas: é pecado, pode desvirginar, é anormal;
- se falhar nas primeiras relações heterossexuais, o(a) adolescente torna-se homossexual;
- pelo tamanho da mão pode-se saber o tamanho do pênis; pelo tamanho da boca pode-se saber o tamanho do genital feminino;
- não ocorre gravidez na primeira relação sexual da mulher, se a relação for rápida, se ela não se movimentar, etc.

Vemos assim que a colaboração ou prejuízo para o desenvolvimento psicosssexual do adolescente depende das fantasias com que ele ou ela alimentam os atos ou as idéias masturbatórias.

A masturbação pode estar integrada ao ego como elemento propulsor do desenvolvimento ou como defesa, como objeto narcísico e/ou como objeto intermediário para alcançar as relações heterossexuais, e de intercâmbio com o objeto real amoroso.

O enamoramento torna-se um elemento importante, uma vez que favorece o abandono da masturbação pela possibilidade de junção das funções erótica e amorosa, dos sentimentos positivos e negativos em torno do objeto de real gratificação. Objeto com o qual pode estabelecer uma relação profunda e fecunda, física e afetiva.

Nas palavras de Erlich, “o enamoramento é monógamo. Sinal seguro e inconfundível do amor é a apreciação da *especificidade* e *unicidade* da outra pessoa”. Diferentemente da paixão, na qual o indivíduo é “arreatado pelo inapreensível, e sua ação, qualquer que seja, será sempre passiva, pois não é o sujeito que a domina”.

Os caminhos seguidos pela masturbação são diferentes no rapaz e na moça. A garota envolve-se mais intensa e diretamente na relação com seu parceiro e, assim, cria mais rapidamente condições para a vida sexual ativa. Graças à rivalidade vivida na relação com a mãe, afasta-se desta e busca afeto no parceiro. A resolução edípica parece ser mais direta. O rapaz teve como seu primeiro objeto amoroso a mãe. Precisa se desfazer desta relação, sublimá-la, identificar-se sexualmente e encontrar um novo objeto amoroso. Nesse processo sinuoso, a masturbação entra como um elemento de transição mais prolongado do que nas moças. Mas tudo isso é muito dinâmico e próprio de cada relação, podendo-se incorrer em erros ao fazer generalizações.

O ADOLESCENTE E SUA RELAÇÃO COM O CORPO

Você sabe o que é acordar todos os dias, olhar-se no espelho e encontrar um homem diante de você! (Ricardo, 16 anos)

Em meio às transformações hormonais, funcionais, afetivas e sociais, as alterações corporais adquirem importância fundamental para o adolescente. É por meio de seu corpo que o jovem pode melhor se aperceber e externalizar as alterações que está vivendo.

À medida que o corpo vai adquirindo nova configuração, a imagem mental que o adolescente tem de si vai se modificando. Porém, a velocidade com que ocorrem as transformações físicas difere daquela relativa às transformações da imagem corporal.

Há o crescimento ponderoestatural, o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários, a força muscular (que praticamente se duplica).

Num período relativamente curto, em comparação com a duração do processo de adolescência, o corpo adulto estará formado. O jovem, rapaz ou moça, permanece demoradamente diante do espelho. Examina-se. É a barba que está crescendo, ou seus músculos que se desenvolvem. É a acne que aparece, os seios que crescem ou o pênis que se alonga.

Uns sentem-se demasiadamente gordos ou magros, outros se estranham em relação à estatura ou às suas novas feições. A sensação de desproporcionalidade é relativamente freqüente. Um rapaz de 16 anos, cujo crescimento estatural foi abrupto, atingindo 1,75m durante o período do estirão, disse-me certa vez: “não gosto de mim, sinto-me um monstro em cima destas pernas-de-pau”.

Em casos mais extremos, o fenômeno faz lembrar um sintoma encontradiço na esquizofrenia, a esquizomorfia. O adolescente vive intensamente supostas desproporções, ou com estranheza a relação que mantém com o próprio corpo. Sente-se esquisito diante de sua imagem. Esse fenômeno, ainda que normal entre os jovens, pode merecer uma observação atenta, visto que pode ser um prenúncio de uma organização psicótica. Uma jovem de 17 anos, fisicamente bem desenvolvida, negava-se a usar óculos. Alegava ser naturalista e atribuía tal atitude negativista à defesa de seus princípios ideológicos. Tudo indicava que

usava de uma capacidade de racionalização ante a necessidade de preservar uma imagem mental idealizada de si.

A imagem corporal é algo subjetivo e dependente de múltiplos aspectos: emocional, funcional, e características sociológicas. Um jovem imberbe em uma comunidade em que habitualmente se usa barba sentir-se-á diferente. A pilosidade das pernas e axilas pode ser problema para moças de determinada comunidade, e ser um fator indiferente em outras culturas.

O mesmo pode-se dizer em relação ao conceito atual de beleza feminina: o ideal quanto ao aspecto ponderal de beleza feminina à época da pintura impressionista (refiro-me às gorduchinhas) choca qualquer modelo da atualidade. Enquanto nossa cultura se propõe a ser mais liberal e receptiva aos diferentes tipos de pessoa, ela tem se mostrado exigente em relação aos padrões da estética corporal.

Conclui-se que a imagem corporal freqüentemente não reflete de modo especular a imagem real. A imagem corporal idealizada confronta-se com a imagem corporal vivida, a qual pode não corresponder à realidade objetiva, em virtude das fantasias e distorções que interferem na percepção da pessoa.

O adolescente é muito sensível à sua imagem corporal, reagindo com ansiedade e frustração diante da imagem idealizada, como excesso de peso, acne, pilosidade acentuada, uso de óculos, etc. Essas circunstâncias podem ser vividas por ele(a) como fatores que o desvalorizam, e que contribuem para um estado depressivo. Provavelmente, o estado depressivo já existe em virtude das perdas inerentes ao processo adolescente, mas ele se materializa por meio da rejeição que o jovem faz de si mesmo.

Por outro lado, as transformações corporais aproximam o jovem do adulto. Sua força aumenta, os corpos e funções, como a capacidade reprodutora, assemelham-se. O campo de interesse do jovem amplia-se. Sua inteligência está apta a realizar operações superiores, de tal sorte que as diferenças entre o adolescente e seus pais diminuem. Essa similaridade de potenciais e de funções existente entre ambos, associada a fantasias eróticas, amorosas e agressivas, constitui-se em elemento perturbador a ser administrado pelo ego, deixando o adolescente temporariamente confuso em relação a si mesmo.

O adolescente vive suas primeiras emoções sexuais em seu próprio ambiente familiar. Surpreende-se ante suas reações a partir de jo-

gos erotizados que realiza com irmãos, primos, ou amigos próximos. Excita-se ao manipular roupas íntimas dos pais ou irmãos do sexo oposto. Esses sentimentos, carregados de prazer, de curiosidade, de ansiedade, de culpa e de vergonha, manifestam-se no comportamento, podendo levá-lo a um estado de inibição ou retraimento. Pouco a pouco, o jovem incorpora suas mudanças e dirige seus sentimentos afetivos e experiências sexuais para fora do núcleo familiar, com repercussões sobre toda a personalidade, particularmente no que se refere ao processo de identificação.

O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO ADOLESCENTE

A criança na fase escolar, entre 7 e 10 anos, apresenta inteligência de tipo lógico-concreto. Isso significa que ela é capaz de resolver problemas do tipo estabelecer relações, classificar, comparar, desde que tenha a possibilidade de realizá-los de forma objetiva.

Acompanhando as transformações somáticas, afetivas e sociais, a vida cognitiva do adolescente também sofre alterações. A inteligência evolui do nível concreto para o formal, caracterizado pelo pensamento hipotético-dedutivo. Nesse nível, o jovem é capaz de raciocinar estabelecendo relações combinatórias independentemente de elementos perceptíveis e manipuláveis. Essa capacidade permite-lhe ampliar o campo de conhecimentos e participa do processo identificatório.

A inteligência formal é o ápice da evolução intelectual. Ela dá coerência interna ao processo de pensamento, cria a possibilidade de um raciocínio pautado em hipóteses e na reversibilidade dialética das proposições. Acrescenta ao seu mundo mental a possibilidade de pensar independentemente do apoio oferecido pela vida sensorial.

As repercussões dessa aptidão são observáveis em seu comportamento. O jovem gosta de indagar, questionar, investigar. Tem dúvidas e desconfia. Faz com seu pensamento uma espécie de jogo, em que hipóteses e idéias permitem-no desvendar um novo mundo, externo, e, principalmente, o próprio mundo interno. Amplia seu acervo cultural. Interessa-se por questões sociais, políticas, ideológicas, econômicas, arte. Indaga sobre o significado da vida, do sexo e do amor, enquanto busca encontrar sua autenticidade, autonomia e emancipação.

Seu pensamento, agora, aproxima-se muito do pensamento do adulto, salvo em sua carência de experiência emocional e funcional, perceptível por meio de sua subjetividade, falta de sistematização e às vezes de senso crítico.

O jovem compensa suas deficiências apegando-se veementemente às suas idéias, até com certo grau de fanatismo, sem se dar conta de que suas crenças podem ser mais por auto-afirmação do que por posicionamento autêntico. Assim, a inteligência abstrata permite a ele fazer tentativas e experiências em busca de suas verdadeiras características e valores.

É o início da vida introspectiva. Aos poucos, vai penetrando no âmago de seu ser à procura de suas verdades. Não raro, nesse caminho, vê-se prevalecer a emoção à razão.

A evolução da inteligência a um nível superior dá qualidades fundamentais à organização da personalidade. Porém, nem todos os adolescentes têm a oportunidade de atingir tal nível evolutivo.

Populações de baixo nível socioeconômico-cultural não têm as mesmas oportunidades para realizar a passagem do raciocínio concreto para o hipotético-dedutivo. As perturbações precoces dos primeiros vínculos afetam a formação e o desenvolvimento da vida cognitiva e simbólica. O espaço lúdico, transicional, não se estabelece, ou, se ocorre, é de forma incipiente.

A criança miserável, abandonada, mal discrimina o real do imaginário. O temor da morte e a proximidade da morte confundem-se. O temor ao abandono e o abandono igualam-se como qualidades psíquicas. Haja vista o que se observa entre os jovens favelados, comidos pela miséria, pela fome e pelo abandono, cuja vida mental (cognitiva, afetiva e conativa) está quase que irremediavelmente comprometida.

Winnicott e Bion contribuem, entre outros, para a compreensão de como perturbações no desenvolvimento dos estados primitivos da mente interferem na organização do espaço transicional, espaço virtual no qual se desenvolverá a cultura, e no processo do pensamento e seus desvios. Muitos desses jovens não alcançarão o pensamento conceitual, filosófico-matemático; estarão mais próximos do pensamento primitivo, sensorial. A meu ver, esta é uma forma de violência social. Este tema é abordado com um pouco mais de profundidade no capítulo 3.

Vale lembrar que as emoções atuam sobre a vida cognitiva, e vice-versa. Assim, a ansiedade excessiva pode ser fator bloqueador das

aptidões intelectuais. Bloqueios emocionais ligados à inibição sexual e à curiosidade infantil podem afetar a busca de conhecimentos, com repercussões sobre a vida cognitiva.

A inteligência formal participa ativamente no processo de elaboração da crise da adolescência, levando subsídios que vão integrar operações que interferem na vida afetiva.

Nessa transição para a vida adulta, o mundo afetivo do jovem está tomado pela impulsividade sexual e agressiva. Seu aparelho psíquico é relativamente frágil para conter tal carga e adequar os impulsos às condições ambientais, principalmente em sociedades em que tais impulsos são fortemente reprimidos. Para defender-se desses impulsos, vividos como perigosos, parte da energia psíquica é destinada a outros interesses. Para essa tarefa, o ego utiliza-se de mecanismos de defesa, tais como a racionalização ou a intelectualização, entre outros.

Quando os mecanismos de defesa falham, o jovem tende a agir impulsivamente, diminuindo, ou mesmo ficando sem, a participação da capacidade de pensar de forma crítica, analítica. Passa a discriminar mal o real do imaginário, o subjetivo do objetivo, dando ao comportamento um aspecto funcional patológico. Nesses conflitos entre as forças impulsivas, o sistema normativo-censor e o coordenador-adaptativo pode haver um gasto de energia ou um desvio de energia, de tal forma que venha a inibir a livre expressão intelectual do adolescente, com baixa de seu rendimento cognitivo.

A CRISE NORMAL DA ADOLESCÊNCIA

Durante a infância, a criança encontra-se numa situação de dependência, na qual os pais sabem o que é bom e o que é mau, o que pode e o que não pode. Os caminhos a serem trilhados por ela geralmente são indicados pelos pais. O senso de responsabilidade está em desenvolvimento, e a criança conta com o apoio e a proteção parental em suas decisões e respectivas conseqüências.

Sua autonomia está em relação direta com suas possibilidades pessoais, e na dependência da permissividade paterna. A criança percebe que, de suas transformações corporais, seu peso e altura estão aumentando. Ela se compara com os pais e deseja ardentemente alcançá-

los. Está habituada ao seu corpinho que lentamente vai evoluindo. Chega a puberdade, e com ela um turbilhão de transformações incontroláveis e involuntárias que impulsionam a criança para a maturidade. Ela se vê na situação irremediável de perder a condição e os privilégios infantis para poder atingir, em toda a sua plenitude, o estado adulto.

Aberastury e Knobel relacionam os “lutos”, as perdas, isto é, os aspectos infantis dos quais o jovem necessita se desfazer nessa progressão em direção à maturidade:

a) luto pelo corpo infantil perdido: o corpo transforma-se, adquire nova configuração em consequência da revolução pubertária, incontrolável e independentemente de sua vontade. O jovem sente-se impotente diante do poder das alterações que vem sofrendo e, ao mesmo tempo, desejoso desse porvir;

b) luto pelo papel e identidade infantis: a criança vive sentimentos de perda dos privilégios e da condição de criança, que darão lugar a novos aspectos, em cujos alicerces estão os impulsos sexuais e agressivos. A perspectiva de atingir a vida adulta é ambicionada pelos seus privilégios e prazeres, e temida pela aceitação de responsabilidades, as quais são, na maioria das vezes, desconhecidas;

c) luto pelos pais da infância: o jovem procura reter os pais da infância em sua personalidade. Eles lhe servem de refúgio e proteção diante da temeridade pelo desconhecido que há em si, e que começa a aflorar em seu pensamento. O adolescente vai descobrindo que seus desejos e idéias não são concordantes com os de seus pais, sente remorso em assumi-los, pelo temor às consequências: entre elas, a perda dos pais da infância;

d) luto pela bissexualidade infantil: a bissexualidade, noção introduzida na psicanálise por Freud, influenciado por Fliess, consiste no fato de que todo ser humano possui constitucionalmente potenciais sexuais tanto masculinos como femininos, independentemente do sexo anatômico, que se conflitam por ocasião do processo de definição da identidade sexual, segundo Laplanche e Pontalis (1973).

Aberastury e Knobel (1971) mostram que esse conflito é inerente ao processo de identificação do adolescente, no qual há a evidenciação de aspectos femininos no rapaz e masculinos na moça, como um processo de flutuação e de aprendizagem de ambos os papéis. Com o desenvolvimento do corpo, dos caracteres sexuais secundários, do aparecimento da menarca e das primeiras ejaculações, a de-

finição da sexualidade adulta se impõe à bissexualidade.

O jovem revive experiências passadas durante o conflito edipiano da adolescência. Ocorre que, na atualidade, a energia impulsiva, sexual e agressiva é intensa. O ego por sua vez mostra-se insuficiente para conter esses impulsos, e faz uso de mecanismos de defesa. O sistema censor reforça seus mecanismos diante do aparecimento de fantasias agressivas e eróticas com relação aos pais do sexo oposto. O desenvolvimento corporal e a sexualidade genital evoluem a ponto de tornar muito próximo do real as possibilidades de as fantasias edipianas do adolescente se concretizarem. Essa situação é vivida pelo jovem de forma angustiante e temerosa.

Sabe-se que os primeiros modelos relacionais interpessoais e heterossexuais são estabelecidos com os pais durante a infância, e que por ocasião da adolescência eles são evocados. Quando há uma solução satisfatória do conflito edipiano na infância, maiores serão as oportunidades de melhor aceitação de sua identidade sexual, e a interdição diante dos desejos incestuosos. Os jovens sentir-se-ão mais aptos a estabelecerem um relacionamento heterossexual satisfatório e menos angustiante.

Por outro lado, jovens que tiveram em sua infância um contato muito erotizado com seus pais ou, o contrário, cuja sexualidade infantil tenha sido muito reprimida podem sofrer na adolescência intensa angústia e inibição por ocasião do relacionamento com outros jovens, principalmente do sexo oposto.

A revivescência inconsciente da situação edipiana deixa-o confuso. Surgem angústias do tipo persecutório, carregadas de remorso, de culpa, com crises depressivas e atitudes de autopunição pelos temores despertados por essas fantasias.

O ego, para defender-se desses sentimentos, arma-se de mecanismos de defesa maníacos como negação, onipotência, idealização e ataque ao objeto bom (ataque aos pais).

Surge aqui o que Kalina (1976) denominou “luto pela endogamia”, isto é, o jovem ante o tabu do incesto desvia seus interesses sexuais para outras figuras substitutivas. A superação desta perda permite a entrada no mundo dos adultos, por meio de relações afetivas fora do núcleo familiar (exogamia).

Nesse processo evolutivo há tanto uma desestruturação como uma reorganização estrutural da personalidade e da identidade, em direção à personalidade adulta. Os momentos de instabilidade, tão carac-

terísticos dessa fase da vida, vão diminuindo à medida que o jovem encontra maior clareza e aceitação a respeito de si mesmo, ao elaborar suas perdas e ao sentir-se aceito e tolerado em seu ambiente.

Durante esses movimentos em que há a reestruturação da personalidade, o jovem, para se auto-afirmar, agride e desvaloriza seus pais. Isso não significa que não goste mais deles, pelo contrário, necessita do carinho e interesse dos pais, por meio do sentimento de confiança, e da supervisão à distância que eles exercem.

Porém, é dessa forma que exteriorizam o “assassinato inconsciente” dos pais da infância que carregam em si. A agressão, a rebeldia, as reivindicações intrafamiliares são formas de manifestação desse fenômeno psíquico do adolescente. Fenômeno que ele também emprega contra a sociedade, a qual representa o papel controlador exercido pelos pais.

Nesse conflito, o jovem mostra-se ávido por novos modelos de identificação. Artistas, pensadores, religiosos, professores, líderes políticos, atletas ou seus próprios colegas são elementos a partir dos quais o jovem procura encontrar seus novos e próprios valores e características.

Há muito de imitação, de tentativas, de ensaios e erros. Porém, é por meio desses experimentos que ele poderá se encontrar e se edificar. Nessa busca de modelos identificatórios, o jovem procura se aproximar de seus “ídolos”, acessíveis, geralmente, no mundo do imaginário, dos sonhos, mas vividos pelo adolescente como muito próximos de si, em suas ilusões e sentimentos.

A aproximação a um adulto, no mundo real, é em parte temida, pois o jovem receia perder a sua individualidade. Ele busca em seus novos modelos algo diferente. Tudo aquilo que for representativo dos modelos parentais fica abalado como valor pessoal, ainda que temporariamente.

Durante essa procura, formam-se os grupos de jovens, em que o que há de comum é o fato de todos eles estarem à procura de algo. Isto é, estão à procura de si mesmos. No grupo há uniformidade. Vestem-se de forma parecida, usam a mesma linguagem, fumam, bebem ou chegam a fazer uso de alguma droga, geralmente a maconha. Outros se reúnem para atividades culturais ou sociais. No grupo, uns se parecem com os outros, e nisso se confortam. Um é modelo para o outro. Sofrem de angústias semelhantes, e na indefinição se encontram.

Dentro do grupo, cada um está em busca de si mesmo, e o grupo

como unidade existe nesse sentido. O encontro visa, antes de mais nada, externalizar os próprios pensamentos e confrontá-los com os demais.

O adolescente sente-se muito só, sem os pais externos, que ele ataca, e sem os pais da infância, que ele está destruindo. É nessa solidão que o jovem se vê diante de si mesmo. O grupo, nessas circunstâncias, funciona como protetor e reassegurador ante as suas angústias e temores. Torna-se, em última instância, um substitutivo parental no sentido de exercer as funções de continente ante os anseios, temores e as novas experiências.

No grupo, o jovem pode dar vazão aos impulsos sexuais e agressivos, e também expandir seu horizonte intelectual e social. Este pode ainda representar um meio intermediário pelo qual o jovem atingirá sua individuação. Dessa forma, o adolescente sente-se resguardado dos temores de uma eventual agressão do mundo externo e interno. Os sentimentos persecutórios estão muito aguçados nesse período, e por meio do grupo a elaboração desses sentimentos é facilitada.

Por meio do seu comportamento, de sua atuação, o jovem expressa seu estado conflitivo. Ele se mostra suscetível, e seus mecanismos defensivos intensificados devido ao poderio da impulsividade sexual e agressiva, das repressões de seu superego e das violências e contradições do mundo interno e externo que o ameaçam. Suas atitudes tendem a ser impulsivas e se exacerbam com facilidade, quando adquirem conotação psicótica ou psicopática.

Essas condutas podem causar expectativas e preocupações entre seus familiares e na comunidade em que vive.

O diagnóstico diferencial entre a crise normal da adolescência, os quadros psicóticos ou psicopáticos pode se fazer necessário. Isso requer maior tempo de observação do adolescente para avaliação do quadro, sua constância, mobilidade, devendo-se considerar as condições do desenvolvimento evolutivo, os antecedentes pessoais e familiares, biológicos, relacionais, a situação socioeconômica e cultural.

À medida que o jovem se afasta de seus pais da infância, os valores que traz consigo são atualizados e/ou substituídos. O desenvolvimento intelectual atingiu, praticamente, sua máxima expansão, juntamente com o campo de interesse e a vida social e cultural.

A essa altura surgem os ideais e com eles o idealismo, que se reflete em seus interesses pelas causas sociais, políticas, econômicas, estudantis, religiosas ou amorosas. Participa de movimentos juvenis ou

toma parte em grupos de encontro. O jovem vive esses momentos com intenso apego chegando a certo fanatismo. Isso não significa que esta seja a sua verdade definitiva, pois poderá abandoná-la com o mesmo ímpeto com que a iniciou.

Menores oscilações tendem a ocorrer à medida que as perdas são elaboradas e suas experiências assimiladas. O adolescente investe calorosamente em tudo o que faz e não tolera falsidades, já que está em busca do seu eu autêntico.

Seu apego aos próprios ideais, além de representar aspectos de sua motivação intelectual, pode ter uma função substitutiva ou atenuadora ante temores originários em seus impulsos sexuais. Por exemplo, os decorrentes de uma ligação amorosa, cuja progressão é vivida como ameaçadora. Ele pode apegar-se a objetos assexuados para ajudá-lo a dominar tais impulsos.

Em suas ligações amorosas, o jovem também se entrega. Seu companheiro(a) é idealizado(a) e perfeito(a). É a paixão juvenil que se irrompe e cega sua capacidade perceptiva, de análise, de crítica e pensamento.

O jovem, por meio de contestações e reivindicações, externaliza os conflitos de valores e de autonomia que carrega dentro de si. Alguns manifestam esse confronto por meio de agressões passivas aos hábitos e valores tradicionais da sociedade.

Os rapazes podem deixar a barba e o cabelo crescerem, cortam-no de uma forma extravagante, usam brincos. As moças usam roupas provocantes, cabelos em desalinho. Ambos podem usar roupas esdrúxulas ou dar pouca importância ao asseio corporal, ou, pelo contrário, demonstrar extremo apego à vaidade. É o que se pode observar nos grupos de *hippies*, *playboys*, *punks*, *funks*, etc., que variam de acordo com cada época.

Nos hábitos e costumes atuais, em alguns grupos de jovens, a discriminação entre o feminino e o masculino tem-se tornado atenuada pela semelhança como se vestem e como se comportam. São reveladoras de liberdade e igualdade, mas também contribuem na manutenção de um certo estado confusional na busca da identidade sexual.

Uma adolescente de 13 anos me contou que ouvia somente uma determinada estação de rádio, pois as demais eram “caretas”. Indaguei-lhe se, caso as mesmas músicas fossem tocadas noutra rádio, ela as ouviria. Sua resposta foi um categórico não. Alegou que ninguém

em seu grupo o fazia, e que seria ridículo se ela o fizesse. Mais adiante, contou-me que esta era a única rádio que seus pais não ouviam. Pode-se pensar que um de seus objetivos inconscientes era fazer algo que a diferenciasse de seus pais, talvez uma forma de contestação ou de agressão ao *status quo*. Assim, ela expressava sua contestação ao “velho” (em duplo sentido), aos pais da infância e aos pais reais.

Para a maioria dos jovens, a noção de tempo encontra-se deturpada. Para uns o tempo existente é o momento, o presente, sem perspectiva. Negam o passado, e o futuro imediato é sentido como longínquo. Mas o distante pode parecer-lhes imediato. Essas flutuações temporais são constantes e dependem de sua motivação e estado de ânimo.

Há períodos em que o jovem se refugia na solidão, isola-se de tudo e de todos, ainda que esteja entre amigos ou numa turma. Vive o mundo em sua imaginação, e tudo pode ser controlado, a partir dele, em suas fantasias e desejos. O presente, o passado e o futuro podem se aglutinar e se discriminar em seu pensamento, evidenciando o subjetivismo e a onipotência de seus sentimentos. Ou o fracasso, numa alternância que pode surpreender a ele e aos que o cercam.

Conta-me um rapaz de 18 anos que conheceu uma jovem de um país muitíssimo distante, durante suas férias no exterior. Diz ele ter passado dias maravilhosos, de intenso romantismo. Pela diferença de línguas, a comunicação entre ambos era não-verbal.

O rapaz, ao retornar das férias, sentia-se estranho. Passava horas trancado em seu quarto. A produtividade escolar decaiu. A alimentação reduziu-se ao mínimo. Desligou-se de seus velhos companheiros. E nos poucos contatos que mantinha com seus pais, revelava o desejo ardente e obstinado de se desfazer de todos os seus pertences, abandonar seus estudos, a família e sair em busca da jovem encantadora, que à distância o possuía. Fazia planos e planos para conseguir seu intento, mas na prática nada fazia para concretizá-lo, a não ser sonhar. Sua noção de realidade tornou-se prejudicada e mal discriminava as emoções vividas naquela situação circunstancial e agora, na realidade atual. Entretanto, o confronto com a realidade, dura e crua, contribuiu para que ele, pouco a pouco, se adaptasse às novas contingências da vida à qual sentia-se vinculado.

Do ponto de vista da comunidade, a sociedade também se modifica. Ela assimila novos padrões de comportamento e de posicionamentos pleiteados pela juventude, de tal sorte que, progressivamente, ocorrem

uma acomodação e integração entre o jovem e a sociedade, possibilitando transformações, que caracterizam a evolução.

Muitas famílias, e a sociedade de modo geral, toleram e aceitam com dificuldade essas transformações progressistas e reagem de forma repressiva e punitiva. Estabelece-se uma luta na qual o temor em perder a autoridade se ressalta. Esse conflito que ocorre socialmente é semelhante ao que ocorre entre pais e filhos, quando os pais não aceitam a marcha de seus filhos para a independência e temem perder seu lugar ou sua imagem de autoridade perante si e a família.

Atitudes repressivas servem apenas para exaltar posições radicais de ambos os lados, e a possibilidade de diálogo torna-se prejudicada.

Não são só os jovens que temem a sua genitalidade adulta. Os pais também temem a genitalidade de seus filhos. O jovem agora encontra-se numa situação quase igual, diferenciando-se apenas pela falta de experiência.

Muitos pais sentem inveja da condição de seus filhos e não toleram essa situação. Provavelmente esses pais revivem inconscientemente seus próprios conflitos da adolescência. Por outro lado, os pais também passam por lutos, uma vez que perdem seu filho criança, precisando agora encará-lo de outra forma.

A independência dos filhos, por sua vez, representa o envelhecimento dos pais, e a eminência da morte torna-se mais próxima e temida. Assim, muitos pais, apesar de desejarem o crescimento dos filhos, necessitam, ainda que inconscientemente, mantê-los crianças, a serviço de suas próprias necessidades.

Com o crescimento e amadurecimento do jovem, a sociedade passa a esperar e a cobrar dele uma série de obrigações e responsabilidades, que contribuem para sua inserção na realidade e definição de seu papel dentro da comunidade.

Nessa época, a maioria dos jovens estará entrando para uma universidade ou dirigindo-se a um trabalho. Suas possibilidades de independência aumentam, agora com um afastamento real de seus pais. Muitos vão trabalhar ou estudar em outras cidades, ou viajam nas férias com seus amigos. Fazem programas próprios e independentes dos pais.

Aqueles que possuem certa independência econômica extravasam ainda mais sua autonomia numa sociedade de consumo como a nossa, formando a “juventude *shopping*”. São jovens que se limitam a frequentar centros comerciais, cuja preocupação se restringe à aparên-

cia, ao exibicionismo, a matar o tempo e a uma pobreza de conteúdo. Sugiro que aqueles que se beneficiam dessa juventude também ajudam a formá-la, não só visando a seus interesses quanto ao consumo, mas assumindo responsabilidades e contribuindo para a formação de cidadãos cultos e úteis à sociedade.

Como já vimos, as características dessa marcha para a independência dependem do nível socioeconômico e das prerrogativas que definem o estado adulto dessa sociedade.

Uma parcela dos jovens passa por uma situação mais delicada e radical em termos de confrontação social. Eles integram grupos com características delinquentes, ou se reúnem para o consumo de drogas, nos quais os impulsos eróticos e agressivos confundem-se numa mistura de prazer e frustração, expressando o vazio e a falta de perspectivas em seu mundo interior.

A intensidade da crise existencial, quando o impulso para a independência confronta-se com a tendência a se manter ligado à infância, dependerá da história biográfica do indivíduo, das características do seu aparelho psíquico e de sua integração relacional com o meio.

Um certo número de jovens, por não conseguirem adaptar-se às condições do meio, alienam-se e são alienados pela sociedade. No princípio vivem numa situação de onipotência, e expressam esse sentimento quando dizem “o mundo que se lixe”, pouco se interessando pelas coisas que os cercam. Talvez sintam, inconscientemente, ser este o caminho existente para se fazerem presentes, vivos. A via da delinquência pode ser um caminho quando não encontram recursos pessoais e sociais para saírem do anonimato. Dessa forma, tentam diminuir o sentimento de abandono e solidão, caindo com frequência em situações patológicas.

O término da adolescência ocorre, segundo o Comitê sobre Adolescência (EUA): 1) pelo atingimento da separação e da independência dos pais; 2) pelo estabelecimento da identidade sexual; 3) pela submissão ao trabalho; 4) pelo desenvolvimento de um sistema pessoal de valores morais; 5) pela capacidade de relações duradouras e de amor sexual, terno e genital, nas relações heterossexuais e 6) pelo regresso aos pais numa nova relação baseada numa igualdade relativa.

Com o evoluir do tempo, o jovem adquire elementos que o integram à sociedade adulta. Ele agora assume maiores responsabilidades e obrigações na comunidade, que também lhe dispensa maior signifi-

cação. A vida escolar e profissional se define, e ele assume posicionamentos políticos e filosóficos.

Seu interesse afetivo torna-se duradouro, pensa na formação de família e filhos. É a estabilidade que vai chegando.

O ADOLESCENTE E O SEXO

Uma das características principais da adolescência é a evolução da sexualidade auto-erótica para a sexualidade genital adulta.

A genitalidade adulta define-se pelo pleno exercício da capacidade libidinal genital, num interjogo com os elementos remanescentes das etapas anteriores do desenvolvimento psicosssexual. Completa essa condição a aceitação implícita da capacidade de procriação, associada às condições socioeconômicas, integrando assim uma constelação familiar, com os papéis adultos correspondentes.

Na primeira fase da adolescência, no período que segue o início da puberdade, brota uma sexualidade genital caracterizada pelo autoerotismo. Os impulsos e emoções sexuais ocorrem principalmente por meio de fantasias e devaneios. O jovem, nesse período, está muito voltado para si e para o próprio corpo. É na prática masturbatória que dá vazão a esses sentimentos.

A prática homossexual durante a adolescência, principalmente em seu início, deve ser considerada como algo normal, desde que tenha caráter de transitoriedade e não esteja se organizando como sistema funcional. Pode estar ligada à necessidade de aprendizagem de ambos os papéis sexuais ou ser uma tentativa defensiva para manter a bissexualidade.

De outra parte, o sexo oposto, apesar de desejado, ainda é temido, por ser algo desconhecido. Dessa forma, a prática homossexual reveste-se de uma atividade lúdica de caráter erótico. Observa-se entre os adolescentes jovens a prática de certos hábitos reveladores dessa conduta; por exemplo, quando meninas andam de mãos dadas, ou rapazes e garotas dançam formando pares do mesmo sexo. Nos tempos atuais, essa liberdade é muito maior graças à atenuação dos preconceitos.

O estabelecimento de relações heterossexuais evolui para novas experiências e emoções sexuais por meio de atividades sociais, esportivas, escolares, flertes e namoros. Tais atividades permitem uma apro-

ximação mais íntima e protegida dos verdadeiros perigos que representa para o jovem, nessa fase, o ato sexual.

O jovem não se sente ainda preparado emocionalmente para uma verdadeira relação sexual. Muitas vezes seus sonhos românticos não vão além de sua imaginação, e o(a) amado(a) nem fica sabendo de sua condição de ter arrebatado corações. As relações interpessoais nessa época são superficiais, lábeis e transitórias.

Na segunda fase da adolescência, após determinada emancipação e melhor definição de sua identidade sexual, ele ou ela, por certo, já teve ou está desejoso(a) para ter um(a) namorado(a). Pode ter vivido emoções oriundas de estímulos sexuais mais íntimos, por meio de carícias, contatos ou bolinações. Está desejoso(a) para explorar, ainda que inconscientemente, novas emoções e sensações que a vida sexual pode lhe oferecer, pressionado que está pela vida pulsional.

Surgem aqui alguns imperativos próprios da nossa cultura. No passado recente, a sociedade restringia a vida sexual ativa pré-conjugal. Hoje ela está relativamente liberada em muitos meios.

A moratória social, no sentido de Erikson (1959, 68), está mais voltada para as questões socioeconômicas, que fazem com que o novo casal tenha dificuldades para se organizar e desenvolver sua própria família. Isso ocorre como conseqüência das dificuldades para encontrar uma colocação profissional e ser remunerado condignamente, de modo a poder fazer frente às solicitações econômico-financeiras do novo núcleo familiar, ampliando o estado de dependência à família de origem.

Para conter a força dos impulsos sexuais e agressivos, o jovem necessita despende grande energia e utilizar uma censura bastante atuante. As restrições impostas pela sociedade à liberação sexual estavam relacionadas, num passado recente, a questões morais, aos riscos de uma gravidez indesejada e de doenças venéreas. Hoje, a moral sexual é mais livre e compreensiva, o advento dos antibióticos e o aprimoramento dos métodos anticoncepcionais estimulam a liberação sexual. Em contrapartida, a grande restrição atual é conseqüente ao peso da ameaça real ante a proliferação da AIDS.

Hoje, a mulher reivindica igualdade de direitos perante o homem e a sociedade como um todo. Valores como virgindade e castidade não têm a mesma validade de outrora, o que contribui para uma vida sexual mais livre e equitativa entre rapazes e moças.

A vida sexual ativa do rapaz, em muitas famílias, era e é estimu-

lada pelo pai, que, com certo orgulho, inicia seu filho na prática sexual. A posição que as jovens reivindicam hoje, da sociedade, coloca esta “prática educacional” em xeque, visto que elas também lutam pela sua emancipação nesse sentido.

Houve época em que se defendiam a prática sexual livre e a possibilidade de múltiplas experiências relacionais, com diferentes parceiros, como possibilidade para o encontro de uma relação heterossexual afetiva e amadurecida. Pôde-se observar, durante um certo período, a propagação da idéia da “amizade colorida”, em que todas as relações eram válidas, indiscriminadamente, como expressão de amor.

Entretanto, tais atitudes, a meu ver, refletem um estado de negação dos próprios sentimentos e da existência de afetos destrutivos dirigidos contra si mesmo ou contra o outro, compondo o psiquismo humano. Esses componentes destrutivos, em nome de um prazer imediato, apresentam-se muitas vezes de forma mascarada ou explícita, como são revelados na literatura, por exemplo, em *O Inferno*, de Dante, ou *Fausto*, de Goethe.

Penso que a vida sexual ativa precoce ou as relações que se estabelecem a partir de um encontro estritamente sexual, pautado na negação dos afetos, tendem a desenvolver uma relação de natureza fugaz.

O psiquismo do adolescente caracteriza-se por uma tendência a funcionar dividido, numa luta para a integração de seus afetos contraditórios. Experiências como as mencionadas acima tornam-se extremamente ansiógenas quando resultantes de ações impulsivas. Como consequência, a integração entre o prazer erótico e a gratificação afetiva nem sempre ocorre no sentido de possibilitar uma relação terna e duradoura.

Em muitos grupos (turmas) de jovens, a relação sexual integra o conjunto de relações interpessoais e afetivas. Passa a ser uma condição de status para pertencer ao grupo. Algo semelhante ocorre em relação ao uso da maconha. Aquele que não pratica o sexo ou não fuma maconha é considerado “careta”, “quadrado”, “mauricinho”.

Mas para boa parcela da população as restrições ainda vigoram, e muitos jovens iniciam uma prática sexual ativa quando se sentem mais aptos a lidarem com suas emoções e sentimentos. Por outro lado, amadurecem por meio da experiência e da percepção de suas consequências positivas e negativas.

Quando adquirem a capacidade para dizer não a impulsos que lhes são destrutivos ou que lhes causam medo estão revelando a si mes-

mos a existência de maior capacidade maturativa, e menos sentimento de culpa.

Segundo Carneiro (1993), “o modelo atual de comportamento entre homens e mulheres de todas as idades, de jovens adolescentes a pessoas maduras, que apenas acabam de se conhecer e se envolvem numa relação sexual, pode ser muito vantajoso para os homens, mas a experiência tem mostrado ser causa de danos profundos ao narcisismo feminino. É uma imago distorcida que a cultura vem expondo, e na qual ela embarca, iludida pelo apelo de liberdade, prerrogativa dos homens até bem pouco tempo”.

Nos meios de baixo nível socioeconômico, o início na vida sexual ocorre próximo ao deflagrar da puberdade (OPS/OMS, 1990), e as conseqüências são funestas. “Como resultado da maior precocidade da atividade sexual, sem uso adequado de métodos de anticoncepção, observa-se atualmente crescente número de adolescentes grávidas. Quase 20% dos partos já são de mães adolescentes”. Quando ocorre a gravidez, as jovens mães e os pais sentem-se despreparados e carentes para enfrentar as responsabilidades, visto que ainda não se encontram, efetivamente, suficientemente habilitados para lidar consigo mesmos, gerando novas fontes de conflito.

Quando prevalece o prazer sensorial, sexual ou agressivo à vida afetiva e simbólica, o investimento de outras áreas da vida afetiva e do conhecimento torna-se empobrecido.

Entre adolescentes maiores ou adultos jovens, o problema adquire outra dimensão, pois a possibilidade de serem mais responsáveis e estabelecerem relações afetivas duradouras aumenta.

Entretanto, alguns jovens são compelidos à vida sexual ativa por questão de auto-afirmação perante o grupo que freqüentam, ou se utilizam do sexo como meio de agressão a seus pais ou à sociedade. Esses fatos podem sugerir algum desvio no equilíbrio emocional e maturativo do indivíduo.

O relatório Simon (citado por Barandier, 1976), realizado na França, revela que, entre 2.625 homens e mulheres, a idade média da primeira experiência sexual foi de 18,2 anos para homens e 19,1 anos para as mulheres. A população de mulheres que mantiveram relações antes dos 21 anos foi de 59% por ocasião da pesquisa, e de 44% dez anos antes.

Pesquisa realizada em 1986 pela BEMFAN e divulgada por Donas em relatório da OPS/OMS em 1989 revela que aos 13 anos de

idade 8,2% das meninas brasileiras tiveram sua primeira experiência sexual. Aos 16 anos, esse número eleva-se para 51,8%, e aos 18 anos para 77,1%.

A sociedade contemporânea é profundamente contraditória. Estimula precocemente a prática sexual por meio de filmes pornográficos, propagandas insinuantes, prevalecendo a mentalidade de consumo. Ela não oferece a devida educação necessária para que o indivíduo possa aprender a se defender do que lhe é bom e do que lhe é mau. A mentalidade preventiva ainda está muito longe de ser alcançada em nossa sociedade.

A ESCOLHA PROFISSIONAL

Por ocasião da adolescência, o jovem vê-se na contingência de ter de escolher uma ocupação profissional. Muitos fatores intervêm nessa definição, quer ela se dirija, diretamente, para uma prática profissional, quer seja orientada para uma formação acadêmica. O jovem está às voltas consigo mesmo, pouco conhecendo de suas aptidões e tendências. Seu contato com os diferentes setores de trabalho ainda é restrito, bem como o são suas possibilidades práticas de desenvolvimento e de realização pessoal, social e econômica.

A opção para uns dependerá de suas condições socioeconômico-culturais, ou da tradição familiar.

Faço uma adaptação aos fatores propostos por Katzenstein (citado por Pfromm Netto, 1977) como os mais comuns e que levam o jovem a erros em sua escolha ocupacional:

a) a decisão é determinada por um único fator: o econômico ou o tradicional. O indivíduo segue a profissão dos pais por questão de facilidade ou por indução familiar;

b) a decisão é tomada por mero acaso ou numa fase circunstancial da vida;

c) o jovem desconhece a profissão escolhida ou a si mesmo e não se avalia ante sua escolha;

d) quando não se analisam situações particulares em relação a adolescentes superdotados ou que apresentam limitações físicas ou mentais;

e) a existência de dificuldades na dinâmica familiar, imprimindo uma determinada direção na escolha profissional;

f) ocorrências havidas na vida pregressa do jovem, sua identificação com os pais, características de sua personalidade e identidade sexual também influenciam na escolha profissional.

A escolha ocupacional depende ainda de elementos ligados a fantasias inconscientes e conscientes, à valorização intelectual, idealizações e status social.

Fromm Netto situa a escolha ocupacional e o ajustamento ao trabalho como elementos constitutivos de um processo de diferenciação e integração sucessivos, e que se desenvolve ao longo da vida do indivíduo. Eles estão intimamente ligados ao processo de identificação.

Nesse período, caracterizado pela possibilidade de experiências relativamente desprovidas de responsabilidade, o jovem vê-se pressionado a definições para as quais ainda não se sente apto. Escolher um caminho profissional ao redor dos 16 anos é muito angustiante. Não raro tomam decisões impulsivas, não por identificação mas para se livrarem de uma situação ansiógena, e pela pressão da realidade de nosso sistema educacional. O resultado são decisões intensamente frustrantes, que acabam por comprometer o desenvolvimento do processo de identificação.

Surgem sentimentos depreciativos que afetam a auto-estima. Quando prevalece a indefinição e sobrevém a pressão familiar, a situação emocional do adolescente pode se desequilibrar, com aumento de ansiedade e o surgimento de quadros patológicos como fobias, inibição intelectual, insegurança.

Torna-se, portanto, fundamental orientar o adolescente nesse sentido, dando-lhe possibilidades de se conhecer e de conhecer setores profissionais os mais diversos, para que possa vir a se definir de forma adequada ao conjunto de suas aptidões, necessidades, e à realidade profissional, incluindo as condições do mercado de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A. & cols. *Adolescencia*. Buenos Aires: Kargieman, 1976.
- _____. & KNOBEL, M. *La Adolescencia Normal*. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- AJURIAGUERRA, J. *Manuel de Psychiatrie de l'Enfant*. Paris: Masson, 1974.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1981.
- BARANDIER, M. *O Sexo e o Adolescente*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.
- BLOS, P. *Psicoanálisis de la Adolescencia*. México: Joaquin Mortiz, 1975.
- CHIPKEVITCH, E. *Puberdade e Adolescência*. São Paulo: Roca, 1995.
- COMITÊ SOBRE Adolescência do Grupo para Adiantamento da Psiquiatria (EUA). *Dinâmica da Adolescência: Aspectos Biológicos, Culturais e Psicológicos*. s/d.
- DONAS, S. *Epidemiologia de La Salud Del Adolescente en Brasil*. OPS/OMS. Conferência realizada em setembro de 1989.
- ENCICLOPÉDIA Judaica. Rio de Janeiro: Tradição, 1967.
- ERIKSON, E. *Adolescence et Crise: la Quête de l'Identité*. Paris: Flammarion, 1972.
- _____. *Infancia y Sociedad*. Buenos Aires: Paidós, 1973.
- ERLICH, S. R. *Conferência proferida durante o XII Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil*. Recife. 19/09/93.
- FREUD, A.; OSTERRIETH, P. A.; PIAGET, J. e cols. *El Desarrollo del Adolescente*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- FREUD, S. Proyecto de una Psicología para Neurologos. *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. La Interpretación de los Sueños. *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. Totem y Tabu. *Obras Completas*. v. II. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- _____. El Malestar en la Cultura. *Obras Completas*. v. III. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.

- HARARI, R. *Teoria y Técnica Psicológica de Comunidades Marginales*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.
- KALINA, E. *Psicoterapia de Adolescentes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- KLEIN, M. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.
- OPS/OMS. *Bibliografia número 3: Adolescência*, março, 1990.
- OSÓRIO, L. C. *Abordagens Psicoterápicas do Adolescente*. Porto Alegre: Movimento, 1977.
- PFROMM NETTO, S. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Pioneira, 1977.
- REYMOND-RIVIER, B. *El Desarrollo Social del Niño y del Adolescente*. Barcelona: Herder, 1974.
- TELLES, L. F. *As Meninas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- TIBA, I. *Puberdade e Adolescência: Desenvolvimento Biopsicossocial*. São Paulo: Ágora, 1986.
- WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.